

38

Revista Portuguesa de História

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 08

As guerras do século XX

ADRIANO MOREIRA
Professor Emérito da U.T.L.

1. A anarquia europeia

O século XX assistiu a uma espécie de mutação da percepção dominante do fenómeno da guerra, como que relegando para um plano secundário as discussões filosóficas, éticas, e jurídicas. Não foi porém eliminada a presença do pensamento que se desenvolveu desde Grotius no começo do século XVII, até Vattel nos fins do século XVIII, emancipando o discurso jurídico do discurso religioso.¹

O trabalho da construção de um corpo jurídico, tributário de elaborações doutrinárias, vem a concretizar-se em textos fundamentais como as Convenções da Haia de 1899 e 1907, o Pacto da Sociedade das Nações e a Carta das Nações Unidas em vigor: o *jus ad bellum*, o *jus in bello*, apoiam-se em manuais que se multiplicam desde o século XVIII até meados do século XX abalado por duas guerras civis da cristandade chamadas mundiais, cujos desastres acentuaram

¹ Grotius (1583-1645), reorganizando a herança de Gentili (1552-1608) expressa sobretudo no tratado *De jure belli* (1598), fez do seu *De jure belli ac pacis* (1625) uma referência perene, tendo sido chamado “laicisateur du droit international”. Juntam-se sucessivamente Christian de Wolff com *Jus gentium methodo scientifica pertractatum* (1740-1748), e Emerich de Vattel (1714-1767) cujo *Du droit des gens* apareceu em 1758.

a defesa da penalização da guerra, o aprofundamento do direito humanitário, e o florescimento das investigações na área da moral e da filosofia em busca de uma paz ameaçada pelo terrorismo global que dá carácter à polemologia do século XXI.² Todavia, o século XX parece ter instalado no primeiro plano da teorização herdada, como que assumindo a inevitabilidade dos conflitos violentos, uma outra disciplina que é a *estratégia*, a qual se ocupa da condução da guerra. Embora se atribua ao general L. Poirié a adopção do termo, é indiscutível que o general Carl von Clausewitz (1780-1831) aparece identificado como o primeiro grande teorizador da perspectiva, que abstrai das discussões éticas, filosóficas ou teológicas, para realisticamente estudar a guerra como um fenómeno das relações internacionais: *a guerra é a continuação da política por outros meios*, ficou como um conceito identificador do pensamento expresso na sua obra, publicada em 1883 depois da sua morte e sem revisão.³ O texto viria a estar presente no ensino militar alemão, soviético, e ocidental, durante o século XX.

É por isso necessário avaliar a importância que tiveram os seus conceitos de *guerra absoluta* e *guerra real* no desenvolvimento das estratégias do século XX. *A guerra absoluta*, que desenvolve uma *lógica militar pura*, não inclui nenhuma moderação da violência que deve ser levada até ao limite das possibilidades de destruição do adversário. Trata-se de uma abstração orientadora do processo decisório da *guerra real*, condicionada pelo facto de ser um instrumento da política: esta, tendo por objectivo a submissão do adversário, adapta-se a conseguir realizar a *aquisição* do resultado procurado. Daqui o seu conceito famoso de que a guerra é um camaleão, porque “qualquer teoria que ofereça planos de guerra e de campanha fixos, e saídas perfeitas como que de uma máquina, deve ser rejeitada sem condições”.

Marx e Engels comentaram, em correspondência trocada (1855), a leitura a que se dedicaram da obra que lhes forneceu orientação para a radicalização dos conflitos internacionais e da guerra civil, influenciando a dedicação de Engels ao estudo da arte militar.⁴

² É sempre de consultar R. Aron, *Paix et guerre entre les nations*, Calmann-Lévy, Paris, 1984. M. Walzer, *Just and unjust Wars*, Penguin, 1977. O'Brien, *Just war doctrine in a nuclear conflict*, in *Theological Studies*, 44, 1983. M. Bettati e B. Konchner, *Le devoir d'ingérence*, Denoel, Paris, 1987.

³ Clausewitz, *De la guerre*, Editions de Minuit, Paris, 1955. R. Aron escreveu uma célebre análise do tratado do general: *Penser la guerre, Clausewitz*, Gallimard, 2 vols, Paris, 1976.

⁴ Arnette Le Bras-Chopard, *La guerre – Théories et ideologies*, Montchrestien, Paris, 1994, que faz uma excelente história da evolução.

É de notar que Lenine parece ter antecipado, pelas conclusões que tirou da leitura de Clausewitz, aquilo que seria a contribuição do general Ludendorff para o desenvolvimento do conceito estratégico daquela obra matricial. Tendo participado na chamada I Guerra Mundial de 1914-1918, o general entendeu propor a substituição da categoria de *guerra absoluta* pelo conceito de *guerra total*.⁵

Ao anunciar aquele conceito, Clausewitz não esquecera que a guerra, que por isso envolvia sempre um apelo à imaginação dos generais, era um acto inscrito numa circunstância de tempo e espaço condicionada pela imprevisibilidade da *boa fortuna* e até das *decisões políticas*. Mas tendo ele absorvido a experiência napoleónica, e a importância da “participação do povo” que a Revolução erigira em princípio, garante este da fidelidade da retaguarda, também se mostrava advertido contra o risco de o exército profissional, que necessita do apoio da nação, ver o princípio da contenção da *guerra real* ser excedido no sentido da radicalização pela intervenção das massas populares no conflito.

Esta prevenção foi afastada pela doutrinação do General Ludendorff, interventor na guerra de 1914-1918, a qual, longe de pressentir a realidade da futura guerra de 1939-1945, todavia registou a intervenção dos populares nos combates, designadamente nas reacções contra as tropas invasoras. O uso dos gases que dramatizaram a memória e a saúde dos sobreviventes, os bombardeamentos de instalações privadas e cidades, desconhecera o direito internacional, e impuseram as práticas para a subordinação da política ao êxito da guerra total.⁶ Lenine tinha por seu lado apreendido que a tendência da época era que as guerras fossem do tipo da *guerra absoluta* com subordinação instrumental ao poder político, mobilizando a intervenção popular para que as revoltas fossem impiedosas, levando o confronto aos extremos.

A impiedade frequente do sovietismo teve pois apoio nestes textos, em que as outras variantes do marxismo não deixaram de colher ensinamentos. Para Mao as forças armadas e o povo em armas são dois braços que executam a direcção vinda da política, para ganhar o combate contra o ocidental agressor, o combate contra o capitalismo opressor, o combate contra a expansão japonesa humilhante da nacionalidade.⁷

⁵ Hans Speir, *Ludendorff: la conception allemande de la guerre totale*, in *Les Maîtres de la Strategie*, Edward Mead Earle (Dir.), 2.º vol., Stratégies, Paris, 1982.

⁶ Ludendorff, *La guerre totale*, Flammarion, Paris, 1936.

⁷ Mao Tsé-Tung, *Questions de stratégie dans la guerre des partisans antijaponaise*, Pequim, 1938; *Six écrits militaires*, Pequim, 1970; *La guerre révolutionnaire*, Paris, 1962.

Foi importante que Gaston Bouthoul publicasse o seu estudo *Sur la Fonction présumée et la Périodicité des Guerres*, continuando o esforço teorizador de um novo capítulo das ciências sociais que teve a maior expressão no seu *Traité de polémologie*.⁸ O objectivo de racionalizar a experiência, considerando a guerra como um *phénomène social “ordinaire”*, enfrentou resistências das perspectivas tradicionais de ordem moral e jurídica, e da vinculação à estratégia e à tática, as quais pretendeu superar com a designação inovadora de *polemologia*. Teve um trajecto compensador, pretendendo que a atitude científica seria bem entendida substituindo a velha máxima romana – *se queres a paz, prepara a guerra*, pelo novo conceito – *“si tu veux la paix, connais la guerre”*: data de 1945 a fundação do *Institut Français de la Polémologie*, que foi seguido de vários centros de *Peace Researchs*, nos EUA, e de institutos análogos na Inglaterra, na Alemanha, na Bélgica, na Holanda, na Itália, na Noruega, na Suécia.

Os factos, como veremos, ultrapassaram toda a capacidade de previsão que o método científico pretendeu fortalecer, e não foi possível remeter definitivamente para uma arqueologia ideológica a doutrina sobre a *necessidade da guerra* (Maquiavel, Hobbes, Rousseau), até sobre a *glorificação da guerra* (Fichte, Hegel, Nietzsche), nem validar a enumeração exaustiva das *causas económicas*, das *causas sociais*, das *causas demográficas*, das *causas ideológicas*, e assim por diante.⁹

É longo o discurso sobre a influência dos regimes políticos, com preferência pelos regimes democráticos em defesa da paz, mas talvez possa adoptar-se o realismo de Aron para sintetizar o conhecimento reconhecido. Depois de avaliar os factores geralmente identificados como presentes no processo da guerra, a proposta é a seguinte: o *sistema internacional* é um conceito demasiadamente complexo, que abrange não só fenómenos estaduais, mas também fenómenos de ordem cultural e política de natureza transestadual ou transnacional, pelo que metodologicamente decide restringir o objecto das relações internacionais às relações interestáticas, que correspondem ao *aspecto essencial* da *sociedade mundial*.

⁸ Gaston Bouthoul, *Sur la Fonction présumée et la Périodicité des Guerres*, in *Revue des Sciences Économiques*, Liège, Junho de 1939. *Traité de polémologie*, Editions Payat, Paris, 1991.

⁹ Maquiavel, *L'Art de la Guerre*, Stratégies, Paris, 1980. Hobbes, *Léviathan*, Sirey, Paris, 1971. S. Hoffmann, *Rousseau, la guerre et la paix*, Institut International de Philosophie Politique, P.U.F., 1970. Marcel Brion, *Machiavel*, Editions Complexe, Paris, 1983. Hegel, *Filosofia de la Historia Universal*, Anaconda, Buenos Aires, 1946.

Visto não existir uma “*instância que detenha o monopólio do poder legítimo*”, a violência é normal nas relações entre Estados, pelo que, na sua proposta, a *guerra* é o fenómeno que autonomiza a disciplina das relações internacionais. Por isso, em vez de prestar exclusiva atenção às *causas da guerra*, procura identificar vários *tipos da guerra*: guerra fria, paz armada, guerras revolucionárias, até à situação que manteve caracterizada no seu talvez último escrito – *Les dernières années du siècle* (1984), como *de guerra impossível, paz improvável*.¹⁰

Esta orientação metodológica é a que parece apoiar mais seguramente o ensaio de racionalizar as guerras do século XX, antecipando que, entretanto, a evolução global obriga a alargar a inclusão de elementos que Aron manteve na periferia do conceito.

Considerando a guerra como último argumento da política, a razoabilidade do século XX pareceu orientada pelo objectivo do equilíbrio, que teve pelo menos duas componentes: *o equilíbrio das capacidades de intervenção, caução do equilíbrio aceite da fronteira dos interesses*.¹¹

Na entrada do século XX, sob a ameaça de explosão da permanente hostilidade entre a Alemanha e a França, a situação europeia foi, sem novidade, frequentemente caracterizada como de *anarquia*.¹² A questão da real *hierarquia das potências*, nunca resolvida pelo princípio da *igualdade das soberanias*, herdou de Bismark o conceito de que existiam na Europa cinco grandes potências de referência, a Alemanha, a Áustria-Hungria, a Rússia, a França, a Inglaterra, e nesse grupo ainda a Alemanha e a Inglaterra se destacavam.¹³

¹⁰ Raymond Aron, *Mémoires*, Paris, 1993. Aron, *Paix et guerre entre les nations*, cit.. Aron, *Plaidoyer pour l'Europe décadente*, Paris, 1979. É excelente o prefácio de Aron a Edward Mead Earle, *Les Maîtres de la Stratégie*, Stratégies, Paris, 1982.

¹¹ Adriano Moreira, *A Europa em formação*, ISCSP, Lisboa, 4.ª ed., 2004. Adriano Moreira, *A Comunidade Internacional em Mudança*, Almedina, Coimbra, 3.ª ed., 2007.

¹² A diplomacia desse período anterior à guerra de 1914-1918, foi objecto do clássico estudo de Harold Nicholson, *The evolution of diplomatic method*, Londres, 1953, sendo estudos de referência os de G. P. Gook, *Before the war: Studies in Diplomacy*, 2 vols., Londres, 1936-1938. G. L. Dickinson, *The International Anarchy, 1904-1914*, Londres, 1926; Norman Angell, *The Great Illusion*, Londres, 1909.

¹³ Lord Asquith, *Discurso na Conferência Imperial de Londres*, 1911, em A. B. Keith, *Selected Documents on British Colonial Policy 1763-1917*, Oxford University Press, Londres, 1953, T. II, pág. 240. Anatole France, *Sur la pierre blanche*, Calmann Lévy, Paris, 1905, contra a “folie coloniale”. David Thomson, *Europe since Napoleon*, Penguin Books, Londres, 1966, pág. 457 e sgts.

2. As guerras civis da cristandade no século XX

Desde o começo do século XX o ambiente político europeu era pois explosivo, com sinais como foram a crise diplomática de 1905 causada pelo confronto da Alemanha e da França em relação a Marrocos, a exaltação da Rússia causada pela anexação da Bósnia (1908) pela Áustria, as guerras dos Balcãs de 1912-1913. As Conferências da Haia de 1899 e 1907 não produziram o arrefecimento do ambiente que atingiu a ruptura com o assassinato do Arquiduque Francisco Fernando em Sarajevo, em 28 de Junho de 1914, com a afirmada cumplicidade da Sérvia.

A leitura histórica dos conflitos raras vezes encontra uma racionalidade plausível que ligue as causas, os objectivos, os resultados, a dimensão da violação dos valores comuns à identidade plural euromundista e ocidental, a enormidade das destruições dos patrimónios, o holocausto, e sempre com dimensão crescente dos exércitos e das populações civis aniquiladas. Quando a Áustria declarou a guerra à Sérvia, em 28 de Julho de 1914, nenhuma prospectiva imaginava que a guerra seria mundial pelos efeitos.

Em pouco mais de uma semana a Europa estava numa guerra civil, com o patriotismo a dinamizar a adesão dos povos, com as resistências socialistas enfraquecidas, e com o modelo da *União Sagrada – Union Sacrée*, em França, e da *Burgfrieden* na Alemanha – a orientar a convergência das forças políticas. À futilidade dos motivos e modéstia dos objectivos correspondeu uma debilidade de perspectiva: o Estado Maior Alemão, com o Plano Schieffen, imaginou obter a submissão da França em seis semanas; por seu lado, a França orientada por Joffre esperava liquidar as forças alemãs numa só batalha. A realidade traduziu-se em que, antes do fim do ano, os exércitos estavam enterrados nas trincheiras abertas desde o mar do Norte até à neutral Suíça,¹⁴ calando-se as armas apenas em 1918, com o peso da entrada dos EUA no combate contra a Alemanha e seus aliados, com o Presidente Wilson a assumir a unidade atlântica, e de facto a introduzir o conceito de *ocidente* no exercício da política abrangente do desviacionismo americano de 1776 (Virgínia), um conceito que ganharia progressivo relevo durante o século.

¹⁴ John Agarraty and Peter Gay (edt.), *The Columbia History of the World*, Harper and Bow, New York, 1983, pág. 966. J. Carpentier e F. Lebrun (Directeurs), *Histoire de l'Europe*, Editions du Seuil, Paris, 1989, pág. 400. Gordon A. Craig, *Europe since 1815* Holt, Rinhart and Winston, New York, 1971, pág. 465 e sgts. Paul Johnson, *Une Histoire du Monde Moderne*, II vol., Robert Laffont, Paris, 1985, pág. 365 e sgts.

A literatura da época documenta a angústia que se apoderou das populações em busca de um sentido para a tragédia. O poeta Apollinaire falou dos “obus couleur de lune”, tendo compreendido que “nous venions cependant de naître”. Ernest Junger testemunha que “cada um sentiu nessa data que desapareceu tudo o que nele era pessoal”, e perguntava-se se não estariam “a tornar senhores do mundo o grupo dos grandes especuladores, a degradação da inteligência puramente materialista e lucrativa”. Enquanto Céline proclamava que a guerra era indigna, a loucura encontrava apoio em homens como René Quinton, biólogo, proclamando que “a guerra é o mundo nobre da actividade humana”, e outros, como Louis Madelin, entendiam que “entre 5 e 10 de Setembro, a sorte da França e provavelmente da civilização ocidental, jogava-se nas planícies do Marne”.

Do lado alemão, Erich Maria Remarque tornou-se famoso com o seu *À l'ouest rien de nouveau*, registando a comunhão com a *dor dos cavalos*: “nunca ouvira os gritos dos cavalos e foi-me difícil acreditar. É a total angústia do mundo. É a criatura martirizada, é uma dor selvagem e terrível que geme desta maneira”. Os testemunhos são de angústia, nos escritos de Jean Paulhan, Jean Cocteau, Henri Pourrat, Céline, La Rochelle, e Malraux que descreve o ataque alemão, usando os gases em 1916 contra os russos, ainda assim esperançoso porque “au fond de l'ennemie, il y a la miséricorde”, porque “les soldats allemands portent les Russes presqu'aux ambulances”.¹⁵

Quando, entre 17 de Janeiro e 28 de Junho de 1919, reuniu em Paris a Conferência da Paz, de entre os 27 Estados representados apenas o chamado *Conselho dos Quatro*, Clemenceau pela França, Wilson pelos EUA, Lloyd George pela Inglaterra, e Orlando pela Itália, representava o poder ocidental sobranceiro. As questões territoriais semearam o novo mapa político de novos conflitos futuros, mas o facto essencial foi que a guerra começou em 1914 com 18 Estados e a paz consagrou 26 soberanias.

A ilusão da paz para os nossos dias, que centrou as esperanças na SDN, ajudou a desvalorizar os vários conflitos provocados pelas questões territoriais (Alta-Silésia, Fiume, Ásia Menor), ou pela resistência alemã a cumprir o pagamento das indemnizações, e a fazer do Pacto Briand-Kellog, de 1928, uma esperança de tornar efectiva a *renúncia eterna à guerra*. A partir de

¹⁵ Apollinaire, *Calligrammes*, Editions Gallimard, Paris, 1925. Ernest Junger, *Orages d'Acier*, Christian Bourgois, Paris, 1970. René Quinton, *Maximes sur la guerre*, Grasset, Paris, 1930. Louis Ferdinand Céline, *Voyage au bout de la nuit*, Gallimard, 1952. Louis Madelin, *La victoire de la Marne*, Plon, Paris, 1916. Erich Maria Remarque, *À l'ouest rien de nouveau*, Stock, Paris, 1929. Malraux, *Le Miroir des limbes*, Gallimard, Paris, 1934.

1925-1926 o sentimento dominante era por isso o de ter sido recuperada a *vida habitual*.¹⁶

E todavia eram visíveis três Europas – a *Europa da Revolução*, a *Europa da Contra-Revolução*, e a *Europa da Democracia*.¹⁷

Enquanto a Europa revolucionária fortalecia na URS¹⁸ um centro dinamizador da internacionalização do soviétismo, a crise económica mundial, a partir da queda da Bolsa de Nova Iorque em 1929, colocou um ponto final na anterior década das ilusões. A Europa da Contra-Revolução fortalecia-se, com Mussolini chamado ao governo de Itália em 1922 para implantar o fascismo, com Hitler a criar na Alemanha o WSDAP (Partido Nacional-Socialista) em 1920, com o Almirante Horthy na Hungria em 1920, com Mrg. Speidel na Áustria em 1922, com Primo de Rivera em Espanha e Mustafa Kemal Atatürk na Turquia em 1923, com o Marechal Pilsudski na Polónia em 1926, e Oliveira Salazar em Portugal em 1928, todos orientados por valores nacionalistas, conservadores, autoritários.

Por seu lado, as democracias deram sinais constantes de debilitação, com o frágil Neville Chamberlain a capitular em Munique, na conferência de 1938, onde deixou as mãos livres aos interlocutores Hitler, Mussolini, e Galeazzo Ciano, que seriam responsáveis pela guerra de 1939-1945.

Não fizeram a leitura apropriada da Guerra de Espanha, iniciada em Julho de 1936 sob o comando do General Franco e que serviu de exercício às alianças que se defrontariam na guerra mundial próxima: terminou com uma estimativa de 500.000 mortes, milhares de exilados, com as destruições e a miséria

¹⁶ *A Resolução do Comité Central executivo pan-russo*, de 3 Outubro de 1918, todavia afirmava: “Hoje, como em Outubro do ano passado no momento das negociações de Brest-Litovsk, o governo soviético funda toda a sua política na perspectiva da revolução social num e no outro campo imperialista...” in *Soviet Documents on Foreign Policy*, Oxford University Press, 1951, 1.º Vol., pág. 111.

¹⁷ Nikolai Berdiaev, *L'idée russe: problèmes essentiels de la pensée russe au XIX et au début du XX siècle*, Tours, Marne, 1970. Marc Ferro, *La Révolution russe de 1917*, Flammarion, Paris, 1989. Duroselle, *L'Europe de 1815 à nos jours*, PUF, Paris, 1964. Henri Brunschwig, *Le partage de l'Afrique Noir*, Flammarion, Paris, 1971. Jean-Louis Miège, *L'Imperialisme colonial italien de 1870 à nos jours*, Sedes, Paris, 1968.

¹⁸ *The Columbia History of the World*, cit., *Europe between the Wars*, pág. 1044 e sgts. Paul Johnson, cit., 2.º Volume, *Degringolade*, pág. 247 e sgts. Gordon A. Craig, *Europe since 1815*, cit., *The Peace Treaties*, pág. 487 e sgts. Walter Gaetz, Kurt Wiefenfeld, Max Montgelas, Eric Brandenburg (Coords.), *Historia Universal*, Tomo X, España-Calpe, Madrid, 1961, pág. 409 e sgts. Ian Kershaw, *Hitler*, Allen Lane, Penguin, Nova Iorque, 1998, pág. 497 e sgts.

instaladas em todos os pontos do território.¹⁹ De facto, a Guerra Civil de Espanha consolidou uma tendência, já verificada desde a Revolução Francesa de 1789, para a *articulação entre revolução e guerra*.

Alguns dos pregadores, e ainda raros praticantes, da *santidade* na política, não deixam de avigorar a análise com contribuição de excelência. É uma linha onde pode inscrever-se Simone Weil, que se encontra unida aos movimentos revolucionários, que não se uniu à Igreja pelas imperfeições humanas que lhe reconhecia, mas que entre os que a conheceram deixou a convicção da santidade.²⁰ Foi porém Hannah Arendt, desafiada pelo que chamou *les sombres temps*, que escreveu para *ceux qui naîtront après nous*, mergulhada na tragédia do seu povo judeu, uma profunda meditação sobre a angústia global derivada do totalitarismo de todos os acentos.

Talvez seja exacto que o livro sobre as origens do totalitarismo é um estudo sem conclusões, mas o universo de incerteza em que já viveu não apontou para prospectivas confiáveis.²¹

As democracias, por seu lado, não mostravam sinais de decisão, com a Frente Popular francesa de Blum manietada pelo receio de ser atraída para um conflito que apenas beneficiaria a URSS, com a opinião pública ligada ao sentimento que foi expresso por Roger Martin du Gard: “estou forte como o aço a favor da neutralidade. O meu princípio: qualquer coisa é preferível à guerra! Qualquer coisa, qualquer coisa! Mesmo o fascismo em Espanha... mesmo o fascismo em França... Qualquer coisa: Hitler é preferível à guerra!”²² Seguiu-se o que foi chamado a *demolição da paz*.

O envolvimento de todos os ocidentais implicava, por razões sistémicas, a mundialização da guerra. As consequências seriam cataclísmicas. Foi a mais sangrenta de todas as guerras, causando 50.000.000 de mortes e destruições sem precedente, com os EUA e a Rússia a finalmente liderarem uma organização do

¹⁹ David Thomson, *Democracy in France since 1870*, Penguin, Nova Iorque, 1964. *England in the Nineteenth Century*, e *England in the Twentieth Century*, vols. 8 e 9 da Pelican History of England.

Paul Preston, *Franco*, Harper-Collins, Londres, 1993. Francisco Franco Salgado-Araújo, *Mis conversaciones privadas com Franco*, Barcelona, 1976. José Maria Gil Robles, *No fue posible la paz*, Barcelona, 1968. Pedro Theotónio Pereira, *Memórias, postos em que servir e algumas recordações pessoais*, Lisboa, 1973.

²⁰ Simone Weil, *Reflexions sur les causes de la liberté et de l'oppression sociale*, Gallimard, Paris, 1955; *La Condition Ouvrière*, Gallimard, Paris, 1951; *Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu*, Gallimard, Paris, 1950; *Attente de Dieu*, Colombe, Paris, 1950.

²¹ Hannah Arendt, *Les origines du totalitarisme – Eichmann à Jérusalem*, Gallimard, Paris, 2002. Morreu em 4 de Dezembro de 1975.

²² In Cordon A. Craig, cit., pág. 612.

mundo por metades: duas Europas, duas cidades de Berlim, duas Alemanhas, um modelo que se repetiria nas futuras guerras marginais – duas Coreias, dois Vietnams, duas Chinas. O Império Euromundista desapareceu num desastre das suas novas Romas, esmagadas as cidades pelos bombardeamentos, destruída a economia, roto o tecido social, as populações anarquicamente mortas, mutiladas, famintas, vagabundas. Cidades como Varsóvia, Hamburgo, Berlim, Colónia, Dresden, e Londres, Coventry, Roterdão, foram em muito reduzidas a escombros.

Uma das consequências foi que a *vida* se tornou descartável, e que definitivamente ganhou crédito a opinião antiga do General Fuller de que a guerra Anglo-Boer (1899-1902) fora *The last of the gentlemen's war*, cada lado praticando a *clear war: face to face, men to men, with rifle or sword on equal terms*. As máquinas substituíram, na evolução ocidental, os homens (aviões, carros de combate, submarinos), culminando com o uso da bomba atômica pelos americanos, a caminho de uma guerra em que as armas de destruição maciça vieram a ser usadas pela primeira vez contra as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.²³ Os grandes líderes políticos da guerra, que foram Churchill, Roosevelt, Estaline, quando assinaram os tratados de paz como vencedores, não tiveram a percepção de que esses tratados também eram uma certidão de óbito do Império Euromundista, e que se avizinhava o *modelo da guerra fria*, com os custos da luta pela hegemonia bipolar no *resto do mundo*, aquela prestes a ser envolvida pelas *guerras marginais* e pelo *desafio do fraco ao forte*.

3. O poder dos sem poder e a guerra do fraco contra o forte

Na Conferência de Teerão, realizada entre 26 de Novembro e 1 de Dezembro de 1943, e na Conferência de Yalta que teve lugar entre 4 e 11 de Fevereiro de 1945, Roosevelt, Churchill e Estaline, procuraram definir o futuro do mundo

²³ Luís Garcia Arias, em *La Guerra Moderna y la Organización Internacional*, Instituto de Estudos Militares, Mérida, 1962, avaliou as consequências no plano jurídico, *sobre a legalidade da guerra moderna*. Jacques Fontonel, *L'Économie des armes*, La Decouverte, Paris, 1984, ensaiou definir a dialéctica económica de uma *corrida armamentista*, e o *desarmamento*. John Frederick Charles Fuller, *A Conduta da Guerra*, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 2002, conceptualizou a *Blitzkrieg* de 1940, pág. 450. André Corvisier, *A Guerra*, B.E.E., Rio de Janeiro, 1999. Alberto Asor Rosa, *A Guerra*, Fim de Século, 2006, avalia a evolução em função idealizada de um diálogo com o *Apocalipse* Joanino. Robert L. O'Connell, *Of arms and men, a History of War, Weapons and Men*, Oxford University Press, 1989, acompanha a evolução, desde a Grécia e Roma, até ao modelo dos *exércitos de laboratório*, pág. 356. Vincent Desportes, *Comprendre la Guerre*, Economica, Paris, 2000, regressa ao conceito de Clausewitz – “*le vaincu considere le plus souvent le résultat comme un mal transitoire*”.

em geral e da Europa em particular. Todavia, do ponto de vista da clássica expansão do domínio político, o único vencedor foi Estaline. A Polónia, causa próxima da generalização da guerra, foi um ponto crítico da paz. A expansão soviética, reconhecida pelos aliados, e consolidada pela sua política externa, levou ao sinal de alarme lançado pelo discurso de Winston Churchill de 5 de Março de 1946, afirmando: “De Stetin no Báltico até Trieste no Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre o continente”.²⁴

A Ordem dos Pactos Militares – NATO e Pacto de Varsóvia –, que foi geralmente caracterizada pela expressão *guerra fria*, nunca subiu aos extremos do conflito directo entre os dois Blocos, contidos pelo *medo recíproco*. Mas esbateu-se a distinção entre *guerra interna* e *guerra internacional*, os dois Blocos utilizaram a *guerra por entreposta entidade*, o modelo de *sociedade industrializada* que correspondia aos dois Blocos encaminhou tecnicamente as superpotências para a *guerra de laboratório* que inclui as *armas de destruição maciça* e a proposta de *guerra cirúrgica*, isto é, em que só morrem adversários; pela *geografia da fome* desenvolveu-se o *desafio do fraco ao forte*, que entretanto emigrou para o Norte afluente e consumista, e finalmente deixou ao século XXI a herança do *terrorismo global*.²⁵

Tudo pareceu evoluir em tempo acelerado, desactualizando as doutrinas mais clássicas. As guerras destinadas a manter a submissão dos povos inscritos na definição soviética do espaço europeu, tiveram resposta no valor nacional, mas este sem capacidade expressa em forças armadas. Foi o caso da Hungria, onde as tropas soviéticas, com um violento confronto iniciado em 24 de Outubro

²⁴ É indispensável o relato de Churchill, *The Second World War*, Caesell e Co. Ltd., 6 vols., Londres, 1948. As sequelas da Guerra inspiraram o aparecimento da *História do presente*, muito cultivada no Institut d'Études de Politiques de Paris. Louis Chevalier, *Histoire du XX^{ème} Siècle*, Les Cours de Droit, Paris, Curso de 1966-1967 (pol.). George Berlia, *Cours de Grands Problèmes Politiques Contemporains*, Les cours de Droit, Paris, curso de 1968-1969 (pol.). René Remond, *Histoire Politique Générale*, Institut d'Études Politiques, curso de 1962-1963 (pol.). Mao Tsé-Tung, *Oeuvres Choisies*, Editions Sociales, Paris, 1955, cujo 4.º volume é o que corresponde aos trabalhos conducentes à fundação da República Popular.

²⁵ Jomini, *Précis de l'Art de la guerre*, 1838, onde procurou estabelecer um conjunto de princípios, pouco numerosos, mas de validade científica, todos postos em causa pelo progresso técnico. De Clausewitz, porém, sobreviveu pelo menos a compreensão de que as forças morais são a “lâmina fulgurante da espada”. Por outro lado, os fundamentos económicos da força militar, que despertaram a atenção de Adam Smith e Hamilton, foram secundarizados pelo espírito de audácia dos sem poder. Mesmo os teóricos marxistas, sobretudo Engels, quando chegaram ao conceito do *Estado Revolucionário*, consideraram a *nação armada* como o modelo ideal que a URSS afirmou materializar, mas que não resistiu às forças desmobilizadoras do Império: Edward Mead Earle, *Les Maitres de la Stratégie*, Berger-Levrault, Paris, 1980, 1.º vol.

de 1956 sem grande êxito, mas esmagadoras a partir de 4 de Novembro, liquidaram a resistência da população.

Dez anos depois, quando Dubcek pretendeu criar na Checoslováquia um socialismo de rosto humano, de novo os tanques impuseram a ordem soviética, e, tal como sempre aconteceu, sem reacção ocidental.

Desse lado ocidental, a política que foi chamada *à sombra do cubano*, traduziu-se, no continente americano, no exercício de manter a supremacia, usando a *estaca* e a *diplomacia do dólar* dos EUA. Logo em 1954, na X Conferência Interamericana, John Foster Dulles, invocando a ditadura soviética sobre os países do leste europeu, proclamou que não podia ignorar-se o perigo comunista no hemisfério, pelo que o seu país exerceu uma polícia permanente para manter regimes fiéis, ainda que corruptos. Todavia, Cuba foi, em primeiro lugar, o detonador do perigo mais agudo de o confronto nuclear ter sido desencadeado, quando (1962) o Presidente Kennedy teve de intimar a URSS, liderada por Khrushchev, a retirar os mísseis que ali tinha instalado.

Mas Cuba também esteve na origem da consagração *das redes* que, usando a *guerrilha*, desafiaram eficazmente a hegemonia americana, e as estruturas conservadoras nos países pobres do sul. Foi Che Guevara, chamado um *artista da guerra de guerrilha*, quem pretendeu transformar os Andes na *Sierra Maestra do continente*, sendo morto na Bolívia em 1967, em exercício, mas ficando como um inspirador. Homens como Marighella, doutrinador da *guerrilha interna* no Brasil, deram consistência ao método. Foi também Cuba a internacionalizar a solidariedade com África ao enviar o contingente militar para Angola, combatendo contra a UNITA e a hegemonia americana, ao lado do governo na guerra civil de dezoito anos.²⁶

Em todas as guerras, chamadas civis ou internas, visando ocupar o poder total nas antigas colónias de África (Angola, Moçambique, Zaire, Gana, Mali, Nigéria, Biafra), as superpotências estiveram no processo, e animaram o flagelo do comércio das armas que só os países ricos do norte produzem, proporcionaram a entrada em acção dos mercenários – cães de guerra –,

²⁶ “Che” Guevara, *Oeuvres, I, Textes Militaires*, Paris, 1968. “Che” Guevara, *Instructions pour les cadres destinés au travail urbain*, in Tricontinental, 1968. Carlos Marighella, *Pour la libération du Brésil*, Paris, 1970. Na 1.^a Reunião da Organização Latino-Americana de Solidariedade, em 1967, Castro proclamou uma política de *conflito armado* para destruir a estrutura mundial do poder, in *The Columbia History of the World*, cit., pág. 1099. Pablo Neruda, no *Romancero* de 1950, inspirando-se em Estaline, lembra os mártires do sistema, e apela a “*que o vosso martírio nos ajude a construir um país severo que saiba florir e castigar*”. George Orwell, no famoso 1984, aparecido em 1949, advertia contra a deriva das sociedades afluentes para um verdadeiro novo totalitarismo apoiado na “*explosão científica e técnica*”.

tudo com expressão em centenas de milhares mortos, incluindo crianças combatentes, e picos de genocídio como no Biafra, e no Corno de África.

As piores guerras foram porém aquelas em que directamente intervieram os exércitos das potências em concorrência, com destaque para as guerras de *libertação colonial*, e para as *guerras de contenção*.

Nas primeiras inscreve-se a derrota da França na Indochina, cujo exército foi esmagado em Dien Bien Phu (1954), vencido por um general vindo da vida civil, Giap, que usou a imaginação, a vontade, e o levantamento popular, para derrotar a ciência, a técnica, e a organização sofisticada dos franceses, uma clara vitória do fraco contra o forte. Um território onde em seguida os EUA, que intervieram para evitar a sovietação do Vietname, exercitaram a sofisticação técnica, e a guerra química para a devastação da natureza, tiveram de capitular (1973) sem que o povo americano tenha conseguido reconciliar-se até hoje com a experiência.

Também não foi absolutamente triunfante a guerra da Coreia (1950-1953), onde a contenção já defrontou a China, um processo que promoveu o primeiro confronto entre a chefia militar desobediente (General Mac Arthur) e o poder político (Presidente Truman), e em que a *política* das *metades* se repetiu ao longo do paralelo 38, criando duas Coreias (1953). Enquanto os *sem poder* ganhavam credibilidade, com os seus meios limitados, as superpotências continuaram a escalada esgotante de recursos para ganharem a supremacia estratégica, até que a *Guerra das Estrelas* do Presidente Reagan, supostamente garantindo a total imunidade dos EUA, contribuiu para que a URSS, atingida pela lei da fadiga dos metais que ronda os impérios, abandonasse a competição, liderada por Gorbachev com a sua política da Perestroika, demolindo o Muro de Berlim em 1989.

A explosão de alegria que se estendeu do Atlântico aos Urales teve então a sua versão de *paz para os nossos dias* com a imaginada adesão mundial à utopia do *fim da história*, supondo o mundo destinado à *democracia*, à *teologia de mercado*, e ao *respeito pelos direitos humanos*, versão americana.²⁷

Mais advertidas, ouviram-se as vozes que apelaram ao regresso à reposição dos *pilares da ética*, como doutrina o PNUD, à revisão dos doutrinadores seculares da paz como intentou a UNESCO, à análise das obscuras e sombrias causas das guerras, e até ao apelo aos céus como fizeram o Concílio Vaticano II, e João Paulo II quando proclamou Santo Thomas Morus patrono de governantes e parlamentares. Rapidamente, a superpotência sobrance foi atingida pela solidão

²⁷ Abel Aganbegyan (edt.), *Perestroika*, Charles Scribner's Sons, New York, 1988. Youri Afanassiev e Marc Ferro (Dirts.), *50 idées qui ébranlent le monde, Dictionnaire de la Glasnot*, Payot, Paris, 1989.

das alturas, de que fala Schwartzberg, e com a administração republicana de George W. Bush, em exercício, acentuou o *unilateralismo*, reformulou o antigo conceito do *resto do mundo* para o conceito do *eixo do mal* abrangente dos países que considera *não confiáveis*, ultrapassou a prudência que manda usar a *mentira real* com moderação, envolveu os EUA na II *Guerra do Iraque* quebrando a unidade dos aliados na NATO, provocando a divisão de vozes na União Europeia, e desacreditando as lideranças que o acompanharam: está em curso a demonstração de que a *guerra cirúrgica* é uma ilusão desfeita pela necessidade de pisar o terreno, que a *supremacia técnica* não derruba o *poder dos sem poder* no confronto guerrilheiro, que o *fim da história* cede lugar ao multiculturalismo com voz e intervenção plural, que o império pode ser atingido em centros e valores vitais por *poderes em rede* que reformulam o terrorismo histórico. A evolução desencontrada da sofisticação técnica das superpotências por um lado, e por outro do exercício da *lei da reflexividade* que orienta o voluntarismo e a imaginação dos sem poder, fez derivar a ordem internacional para uma conjuntura de anarquia, a exigir a reinvenção da governança mundial.

O 11 de Setembro, que humanamente não teve a dimensão de Hiroshima, politicamente teve uma dimensão de ameaça do fim de império: a Al Qaeda revela-se como uma referência dinamizadora de uma *rede* de centros autónomos, que assim preservam a consistência quando algum dos elos é atingido; não declaram os objectivos estratégicos cuja obtenção os apaziguaria; ao contrário da ética militar ocidental, matam sobretudo inocentes para quebrar a confiança da população nos governos, para implantar o medo na sociedade civil, para promover degradações securitárias da ordem jurídica, para enfraquecer as solidariedades dos Estados ocidentais e tornar mais severa as suas dependências energéticas e de matérias-primas.

Parece um triunfo póstumo do Maiosmo, na data em que a China se afirma como poder emergente que se afasta dessa doutrina, e sem cuja participação não será possível ultrapassar a crise de governança mundial. Trata-se de o antigo *resto do mundo* do império euromundista, agora Estados do sul do mundo, dos países da geografia da fome, enfim do *campo a desafiar a cidade*, mas com acesso às tecnologias mais avançadas, abusados e abusando do tráfego das armas que deixa antever a obtenção de todas as armas de destruição maciça, e até dispondo da arma da miséria que descontrola as migrações em direcção ao mundo afluyente, obrigado a recorrer ao muro defensivo ao longo do Rio Grande, e a definir uma fronteira segura nos limites da União Europeia.

O ocidente recorda os autores da perspectiva da decadência, o Papa lembra acidentalmente as palavras do Imperador do Oriente Manuel II Paleólogo,

cercado em Constantinopla nas vésperas do desastre final, e na sede da ONU, a voz do Secretário Geral em fim de mandato, Kofi Annan, apela à reorganização da governança mundial a partir do único lugar onde todos ainda falam com todos. A comunidade internacional tem esta perspectiva tripla: afundar-se com as soberanias unilateralistas; deixar agir a natureza das coisas, rezando por uma luz ao fundo do túnel; compreender que tendências não são destino, e assumir a gestão da mudança. Por enquanto o conceito que melhor corresponde à conjuntura, é o de anarquia.

Virgil Gheorghiu, em 1950, advertia no seu *La 25 éme heure*, que a guerra mundial foi “uma simples revolução interior, exclusivamente ocidental”. O unilateralismo, endurecendo com a administração republicana dos EUA, suscita a perplexidade de Mark Hertsgaard a meditar sobre *The Eagle's Shadow* (2002), tema dos receios que a superpotência espalha pelo mundo. Gabriel Kolko, celebrado autor de *Century of War y Anatomy of a War*, interroga-se sobre se enfrentaremos *Another Century of War*, (2002). No seio dos EUA, Michael Walzer, professor de Princeton, conclui em *Just and unjust wars* (1997) que “o tema da guerra justa é um guia necessário para a tomada de decisões democráticas”. João Paulo II convocou para Assis todas as confissões religiosas para meditarem sobre os valores comuns em que poderão convergir para conseguir a paz para os nossos dias. Politólogo tão autorizado como Norberto Bobio, depois de visitar, em *Il probleme della guerra e la vie della pace* (1979), todas as concepções da guerra e propostas de caminhos para a paz, regressa ao pacifismo de Gandhi, o que de facto é uma prece para que a santidade entre na política. Os 170 Estados reunidos na ONU, na Cimeira de Setembro de 2005, convocada para reorganizar a governança mundial, não ultrapassaram a cortina semântica que os impede de regressarem ao mundo do real. Talvez por isso, ainda que cresça o número dos que não se identificam com igrejas organizadas, as estatísticas vão mostrando que cresce o apelo à transcendência. Uma espécie de alienação paralisante da vontade de tomar em mãos a construção do futuro. Em paz.